

Qualidade no Ensino Superior: o papel da autoridade do professor no processo

BARBOSA, Jenifer Karolin Alves
ANDRADE, Maria Celeste de Moura

Resumo: O professor de hoje não é igual ao professor que ele teve no seu tempo de formação. Naquela época eram comuns comportamentos de autoritarismo, confundidos com autoridade pelos professores. Tendo em vista que o aluno de hoje é diferente, será que o professor não precisa mudar suas posturas? Este artigo tem por objetivo principal enfatizar o papel do docente dentro de sala de aula para que haja ensino de qualidade. Muitos papéis são atribuídos ao professor de hoje, porém, ele, sozinho, não promove conhecimento para o aluno. Impossível! O aluno precisa querer aprender e o professor precisa saber usar a metodologia adequada e as tecnologias que estão à disposição para promover um ensino de qualidade. Achar que o aluno aprende pela imposição da autoridade do professor é uma utopia. Tudo precisa estar aliado a didática adequada, e a experiência do professor em controlar o processo é muito importante para que tudo funcione.

Palavras chave: Aprendizagem. Ensino. Professor. Qualidade. Autoridade.

Abstract: Today's teacher is not the same as the teacher he had in his training time. At that time, authoritarianism behaviors were common, confused with authority by teachers. Given that today's student is different, does the teacher need not change his or her postures? The main objective of this article is to emphasize the role of teachers in the classroom in order to have quality teaching. Many roles are assigned to today's teacher, but he alone does not promote knowledge in the student. Impossible! The student needs to want to learn and the teacher needs to know how to use the appropriate methodology and technologies that are available to promote quality teaching. To think that the student learns by imposing the teacher's authority is a utopia. Everything needs to be combined with proper didactics, and the teacher's experience in controlling the process is very important for everything to work.

Keywords: Learning. Teaching. Teacher. Quality. Authority.

Introdução

Vivemos em uma era em que a tecnologia é de fácil acesso a quase todas as pessoas, e com isso, a informação também está disponível a todo instante, em qualquer lugar e a qualquer hora. A ponte mais corriqueira para tanto é a internet,

cada vez mais comum e cada vez mais próxima, estando presente na maioria dos pequenos aparelhos ao alcance de nossas mãos, o celular. Através dele, de computadores e de outros eletrônicos similares, os materiais impressos, como jornais e livros, estão com uso minimizado, se comparado aos tempos em que vivíamos sem esses aparelhos. De toda forma, esses são alguns exemplos de fontes de informação atuais.

Contudo, em se falando de educação, tantas fontes e meios de informação não agem sozinhas, precisam de um processo didático para se transformarem em conhecimento de fato. Geralmente, esse processo necessita de um intermediário, alguém que ensine a pesquisar e transformar as informações adquiridas em conhecimento significativo, que no caso, nos leva ao professor.

Quando se fala em professor, o que vem logo a cabeça é a definição daquele que ensina. Até pouco tempo atrás, a figura de quem lecionava era vista como a de um “carrasco”, que possuía o conhecimento e os alunos estavam presentes apenas para receber, da forma que era imposta, o que o professor tinha a ensinar. Não era comum a participação ativa dos alunos durante as aulas e, muitas vezes, eles tinham receio de tirar suas dúvidas por medo do professor autoritário. Porém, com os avanços tecnológicos e com vários estudos e pesquisas, isso mudou.

Mudou tanto que, além de exigir mudanças do professor, mudou também as formas de ensinar, o cenário, os instrumentos, entre outros. De certa forma isso é positivo, pois o jeito como o aluno de hoje aprende também vem se modificando, variando conforme a fase escolar. Já por outro lado, isso pode ser negativo, levando-se em consideração que o que se vê no cenário atual é o professor perdendo sua autoridade dentro de sala de aula. Isso tem acontecido por diversos fatores, como por exemplo, a falta de preparo do profissional em relação a situações de conflito com seus alunos. Todavia, conhecer as causas mais comuns que levam à ausência desta autoridade, pode nos apontar comportamentos a serem evitados ou praticados para não se perder o controle da situação. Assim, este artigo tem por objetivo, verificar as razões da ausência de autoridade do professor, discutindo comportamentos que ajudam e/ou atrapalham frente a esta situação, como também, compreender o conceito de autoridade, evidenciando o processo de aprendizagem do aluno adulto e o papel do docente, face à aprendizagem dentro de sala de aula no ensino superior.

É comum ouvir comentários e até mesmo ler publicações, questionando sobre crises na educação e evidenciando que os alunos não respeitam mais seus professores, como também, professores que não respeitam mais seus alunos. Essa falta de respeito, muitas vezes se dá devido à ausência de limites que tem se tornando cada vez mais frequente. Diante de tal situação, o processo ensino-aprendizagem não ocorre como deveria e levanta muitos questionamentos, tais como: o professor está perdendo a autoridade? Isso prejudica o aprendizado do aluno? Quais comportamentos podem contribuir para a ausência da autoridade do professor em sala de aula? Será que a palavra autoridade está sendo mal vista? Essas são questões que buscaremos refletir nesta pesquisa.

1. Mas, afinal de contas, o que é autoridade?

O termo autoridade pode ser visto de forma negativa por ser frequentemente confundido com outro bem parecido, porém com significado diferente, que é o autoritarismo. Se pesquisarmos a definição da palavra autoridade, iremos encontrar as seguintes definições: “direito ou poder de ordenar, de decidir, de atuar, de se fazer obedecer; entidade que detém esse direito ou poder”. Trazendo para o ambiente escolar, podemos dizer que a autoridade não é algo imposto, e sim, conquistado. Faz-se necessário que o professor e o aluno, ocupem seus lugares no processo, o que deve levar a uma relação respeitosa e saudável, onde liberdade e autonomia não sejam delimitadas e sim, entendidas e praticadas de maneira correta. Já o autoritarismo é algo imposto, privando a liberdade e a autonomia do indivíduo, limitando-o a obedecer sem discussões, quando é repreendido forçadamente. (GALLAND, 2010)

Segundo Freud (1913, 1923, *apud* PEREIRA, 2016), o professor ocupava o mesmo nível de Pai, Rei, Deus. Por ser mais fechado, mais sério, com uma postura enérgica, com o único objetivo de repassar os conteúdos, a imagem do docente em tempos passados, também era temida por todos. Mesmo que o professor não dominasse completamente o conteúdo, a impressão por ele transmitida, geralmente era a de dono do saber, o que seria suficiente para tornar os alunos oprimidos. Porém, o que temos observado atualmente nos mostra que em muitas situações os alunos perderam esse respeito e são muitos os fatores que levaram a esta situação, e o avanço tecnológico e a disponibilidade da informação podem ter contribuído para este cenário.

Se olharmos um pouco para trás, veremos que existem relatos do século XIX em que os alunos afirmavam que, mesmo sem grandes habilidades para ensinar e sem um conhecimento aprofundado em determinado assunto, os professores eram obedecidos e respeitados, simplesmente pelo cargo que ocupavam na sociedade. Mesmo levando em consideração que aquela era uma época diferente da que vivemos hoje, observamos que o respeito era imposto, ainda que de forma ditatorial. A informação escolar era passada pelo professor, com a transmissão dos conhecimentos que ele carregava, o que pode ser enquadrado como uma postura de autoritarismo, que também era comum no seio das famílias. Dentro de casa, os pais davam ordens e os filhos obedeciam e respeitavam sem questionamentos, e isso se repetia dentro de sala de aula, como comenta Luciano Mendes de Faria Filho, professor de história da educação da Universidade Federal de Minas Gerais (*apud* PINTO, 2016).

A História da Educação nos mostra que os professores replicavam o comportamento e a postura de seus professores, que eram a referência do que tinham vivenciado. Então, o autoritarismo se repetia dentro das salas de aula e se estendeu durante muito tempo. Com as novas tecnologias e novas formas de interação e comunicação, os alunos se tornaram mais críticos e curiosos, inclusive sobre a educação. (PINTO, 2016) Esse novo cenário levou à necessidade de novas formas de atuação dos professores, como também, do ambiente de aprendizagem.

Pode-se dizer que uma das mudanças mais marcantes foi a forma com que os professores passaram a tratar a participação ativa dos alunos em sala de aula, o que resultou em aulas mais dinâmicas e prazerosas. Quando nos referimos especificamente aos alunos adultos, essas mudanças permitiram uma grande transformação, proporcionando melhores mecanismos de ensino/aprendizagem e caminhos mais efetivos de aquisição dos saberes.

1.1 Andragogia

Falando mais especificamente sobre a educação voltada para o público adulto, o termo andragogia se refere ao ato de ensinar para alunos nesta fase. A forma como crianças e adolescentes aprendem, difere da forma como os adultos aprendem. O termo andragogia foi criado para se compreender como de fato o adulto aprende, pelo alemão Alexander Kapp, em 1833, mas se difundiu na década de 70, com o educador americano Malcolm Knowles, que se tornou referência no assunto, tanto que ficou conhecido e é considerado o pai da andragogia. Knowles sempre defendeu a educação de adultos de maneira distinta da educação de crianças e, para ele, assim como temos pedagogos, que são responsáveis pelo aprendizado de crianças, precisamos ter profissionais responsáveis e aptos para o aprendizado de adultos (BECK, 2015).

Em 1980, quando Knowles retomou seus estudos sobre andragogia, ele aproximou os conceitos de andragogia e pedagogia, época em que surgiram os princípios socioconstrutivistas de Piaget e Vygotsky. Dentre esses princípios, podemos citar a aplicabilidade de contextos educativos diversos, que se refere ao fato de que em uma sala de aula de adultos, a faixa etária deles pode ser bastante variável, e cada um já tem uma história vivida, então a contextualização das aulas precisa ser mais ampla. Diferente das crianças, que costumam ter uma mesma faixa etária, em uma mesma sala e estão vivendo uma mesma fase, ou pelo menos parecida, da vida (PETROSINO, 2016).

No livro ‘The modern practice of adult education’, de 1970, escrito por Knowles, ele introduz seu modelo andragógico, em que defende, inicialmente, 5 pressupostos acerca da aprendizagem do aluno adulto. Posteriormente foram acrescentados outros. São eles, segundo Beck (2015):

- Autonomia: o adulto gosta de ser capaz de tomar as próprias decisões e ser tratado e reconhecido como tal.
- Experiência: a experiência de vida acumulada pelo adulto oferece uma boa base de aprendizagem.
- Prontidão para a aprendizagem: o aluno adulto se interessa mais para aprender aquilo que tem relação ou se assemelha a sua realidade.
- Aplicação da aprendizagem: o adulto aprende melhor aquilo que ele sabe o porquê de estar aprendendo e para que serve, e de preferência que ele possa aplicar para resolver problemas do seu cotidiano.
- Motivação para aprender: o aprendizado do aluno adulto acontece

quando ele recebe alguma motivação interna ou externa, seja com referências fortemente ligadas com emoções pessoais ou por meio de recompensas como premiações.

Além desses pressupostos, o aluno adulto precisa estar em interação com o meio físico de aprendizagem, ou seja, o ambiente de aprendizagem precisa estar favorável. A sala de aula precisa ser pensada e organizada em favor do bem-estar do aluno, como iluminação, acústica e ventilação, em se tratando de aspectos físicos. Para estes alunos, é desmotivacional chegar à sala de aula e encontrar as mesas enfileiradas uma atrás da outra, pois isso remete a lembranças dos tempos de escola e faz com que se sintam uma criança e não um adulto de fato. Outro ponto importante é a postura do professor, ser chamado pelo nome gera um sentimento de aconchego, que também faz com que ele se sinta um adulto, mais à vontade em participar das aulas, dar sugestões, fazer comentários e tirar suas dúvidas. Abrir espaço para esse aluno trazer experiências para a sala de aula também contribui grandemente para o aprendizado (BECK, 2015).

1.2 Relação professor x aluno

O modo como o professor se relaciona com seus alunos é fundamental para que as regras se cumpram. A postura em sala de aula, o jeito como transmite a matéria, o vocabulário e até o vestuário dita como o professor se comporta na instituição, e os alunos se espelham nele. A comunicação é fundamental neste processo e ela acontece não só no momento da aula, mas também de uma forma indireta, quando o professor se prepara e prepara o material que vai ser utilizado. (PETROSINO, 2016)

A autoridade do docente estabelece as regras e limites e influencia em como o aluno se comporta na instituição, apontando os caminhos possíveis a se percorrer. Além disso, a autoridade do professor em sala de aula orienta e cria os vínculos necessários, direcionando os limites do comportamento de todos. (GALLAND, 2010)

A grande questão, é que muitas vezes existe excesso de liberdade e, mesmo conhecendo as regras da instituição, os alunos já não enxergam seus professores como autoridades, e sim como iguais. Isso faz com que muitas vezes se perca o respeito e as situações de conflito entre professor e aluno revelam que ele não tem preparo adequado para lidar com esta situação, o que o leva muitas vezes a recorrer a ameaças, tais como pedir para o aluno se retirar da sala, chamar o coordenador, que no caso é tratado como uma figura de autoridade superior e, até mesmo, usar de penalidades como provas mais difíceis. Situações como essas, expressam que professores e alunos deixam de ocupar seus lugares o que faz com que até o objetivo da aula se perca. (GALLAND, 2010)

O professor precisa estar preparado para exercer a sua função, pois ele é quem deve facilitar a construção do conhecimento, ensinando o aluno a pesquisar e a usar as informações obtidas para a sua aprendizagem. Em um mundo com

tantas tecnologias avançadas e informações disponíveis, é o professor que tem o papel de levar o aluno a pensar e adquirir conhecimentos. A utilização de mecanismos de punição como provas mais difíceis, castigos, dentre outros, muitas vezes só dificultam a construção do saber. Manifestar sua autoridade dentro de sala de aula é cumprir com seu papel de mediador do saber.

Paulo Freire já dizia que:

É meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo, não é sinal de autoritarismo da minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever. Não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade-liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade (FREIRE, 1996, p. 45).

Na relação professor-aluno existe este vínculo de poder em que o professor exerce sua autoridade sobre o aluno. Isto significa que em determinada situação, o professor possui um conhecimento que o aluno está buscando e o bom uso da autoridade vai permitir a ele alcançar o que está buscando, em um ambiente onde os limites estão claros e as regras são entendidas para poder ser cumpridas. Vale ressaltar que o aluno tem o direito de participação ativa nas aulas, sendo o professor o orientador e o mediador no processo de aquisição do saber, e seu papel é o de guia na busca do conhecimento, usando sua autoridade nessa condução. (PINTO, 2016)

Mesmo o professor sendo o transmissor do conhecimento que o aluno busca, isso não o torna dono do saber. Falando especificamente do ensino superior, onde a grande maioria dos alunos já são adultos e com várias experiências na bagagem, o conhecimento se torna mútuo. Então, não existe a simples transmissão do saber, e sim a troca dos saberes diversos, onde todos aprendem. Importante lembrar que no ambiente universitário, além de ser um local de trocas de conhecimentos, também é um lugar em que muitos valores são atribuídos, sejam eles acadêmicos ou morais, e a convivência proporciona a sua intensificação. Este ambiente propicia o processo de integração do aluno ao meio profissional que ele escolheu, contribuindo para a formação de pessoas que irão atuar em sociedade e que terão papel no que elas são e serão.

1.3 Comportamentos que contribuem para a falta de autoridade

Temos observado em muitas situações que a autoridade é comumente confundida com autoritarismo. A prática do autoritarismo, ainda nos dias de hoje, é vista como algo comum pela maioria dos professores e gestores da educação que, em sua maior parte, não se aprofundaram no tema em sua formação profissional. Logo, o aluno tem que obedecer e pronto. (PINTO, 2016). Não existe abertura para o diálogo ou até mesmo a sugestão de temas que seriam re-

levantes para o aprendizado. Quando o professor não tem clareza e segurança de sua autoridade, os alunos, mesmo sabendo das regras da instituição, costumam não as respeitar e acabam por não respeitar também o professor, por acreditar que não será cobrado por isso. Em um ambiente assim, todos acabam não ocupando seus lugares no processo que envolve a aprendizagem, o que acarreta em situações em que não se sabe o que se quer e para onde se quer ir.

Segundo Vasconcelos (2005, *apud* NASCIMENTO, 2012), a grande maioria dos professores de hoje ainda foi formada e sofreu influências formativas da escola tradicional hierárquica e altamente disciplinadora, e muitos desejam fugir desse padrão. Muitas vezes, por insegurança e pela falta de aprofundamento em temas relacionados à autoridade, são levados ao sentimento de indeliberação, o que desperta até mesmo o medo do retorno das atitudes autoritárias de seus mestres, ou do antigo modelo de educação. A grande maioria dos professores que estão nas salas de aula nos dias atuais, foi formada em um período de transformação e de mudanças dos modelos educacionais, em que aconteceram muitas rupturas e quebras de paradigmas no que tange à aprendizagem e à didática. Os modelos que influenciaram nesse período, defendem que o aluno precisa ser o protagonista na construção do seu próprio saber e o professor o mediador e facilitador da aprendizagem, em um processo que foi denominado por Paulo Freire de “aprender a aprender”. (NASCIMENTO, 2012)

Muitas vezes os professores não cumprem efetivamente com seu papel educativo, pois se sentem desmotivados em estar em uma sala de aula, em uma contemporaneidade caracterizada pela rapidez da informação e os avanços tecnológicos, pela exibição em redes sociais de vidas plenas e felizes e isso não passa incólume pela educação, e tem influência direta em seus processos. O que tem prestígio e valor é influenciado cotidianamente por essas características do mundo contemporâneo e se reflete dentro das salas de aula, dos espaços escolares, e afeta a importância do papel do professor, que vê seu prestígio e seu papel de autoridade diminuído e até mesmo sem importância. (CORTIZO; FERREIRA; FARIAS, 2017) Tudo isso leva a um sentimento de desvalorização do profissional professor, interferindo até mesmo em sua vontade de exercer sua função na educação e o desmotivando no cumprimento do seu papel de mediador do saber. Tem-se observado que os alunos estão falando “mais alto” e faltam profissionais capacitados e preparados para a condução da aprendizagem em novos cenários desafiadores.

Pereira (2016), ressalta que muitos professores têm buscado alternativas para que possam reverter ou amenizar essa situação, através do uso de novos métodos didáticos, estratégias de ensino e modalidades de planejamento e execução dos seus fazeres. Buscam caminhos para que seu papel de autoridade seja respeitado em favor da efetiva aprendizagem dos alunos. A realidade educacional necessita urgentemente de políticas públicas de incentivo e de formação de qualidade para os educadores. Acredita-se que professores melhor capacitados e valorizados, terão melhores condições no enfrentamento dos desafios que se apresentam no cotidiano da educação, entre elas, o exercício de sua autoridade profissional, tão necessário ao seu fazer diário.

Vale ressaltar que aplicar penalidades aos alunos como provas mais difíceis, não resolverá o problema, podendo criar um sentimento de revolta, dificultando ainda mais o seu exercício de autoridade em sala de aula. Segundo Cortizo, Ferreira e Farias (2017), a heterogeneidade dos alunos, salas superlotadas, expansão de tecnologias e burocracias do ensino e da profissão, também são empecilhos para a prática saudável da autoridade e a melhor forma de resolver situações de conflito é abrir espaço para o diálogo franco e respeitoso. A manifestação do respeito do professor em relação ao aluno torna-se exemplo a ser seguido.

Mesmo o professor trabalhando de forma séria e dedicada, não é em todos os momentos que ele consegue exercer seu papel de autoridade. Em situações de conflito com alunos, é necessário que todos compreendam o momento e saibam respeitar os papéis de cada um no espaço escolar, pois neste ambiente de aprendizagem a construção de regras e o entendimento do que elas representam, é uma forma de também refletir e agregar valores, já que se aprende muito mais quando entendemos o porquê das coisas. (PINTO, 2016)

Outro fator importante e que não podemos esquecer de mencionar é o papel da família nesse processo, pois é nela que são promovidos e aprendidos os valores básicos. A maneira como o ser humano é educado pela família refletirá na forma como ele irá se comportar na sociedade e na escola. Comportamentos de respeito e exercício saudável de autoridade refletem-se dentro da sala de aula, da mesma forma que comportamentos negativos e agressivos. Se o aluno não respeita os pais ou a figura imediatamente superior a eles, dificilmente ele irá respeitar o professor ou outro profissional da educação, em qualquer fase escolar, e isso geralmente se constitui em mais uma dificuldade a ser enfrentada na tentativa de ser respeitado enquanto autoridade em sala e aula.

1.4 Posturas positivas para promover autoridade

A falta de aprofundamento em temas ligados ao exercício da autoridade profissional dos docentes durante sua formação, acaba refletindo na sala de aula. Muitos professores manifestam o desejo de mudar essa situação que interfere até mesmo em sua realização pessoal. Através do uso de novas técnicas de ensino, de meios que aperfeiçoem a sua didática, de novas alternativas de avaliação, entre outros, o professor, na grande maioria dos casos, busca alternativas que venham a agregar melhor qualidade naquilo que faz, incluindo aí o exercício da autoridade necessária. (PEREIRA, 2016) A satisfação de alcançar objetivos e do dever cumprido é considerado combustível e fonte de motivação para o professor buscar sempre a melhoria de suas habilidades e formas para avançar. No exercício equilibrado de seu papel de autoridade, o aluno tem melhores chances de ir construindo os seus próprios caminhos e se tornar o protagonista do próprio aprendizado. Proporcionar autonomia ao aluno e conceder a ele as bases para que construa o seu próprio saber, é oferecer condições para que ele se torne o responsável por aquilo que deseja ser.

Muitos alunos chegam na sala de aula cheios de problemas pessoais e, dependendo do acolhimento ali recebido eles terão mais ou menos possibilidades

de aprender em todos os sentidos. Um professor melhor preparado tem mais possibilidades de se sensibilizar e entender este aluno, como também, as melhores formas de orientá-lo na busca de alternativas para ir superando suas dificuldades. Seu papel de autoridade interfere até mesmo na maneira de levar o aluno a enxergar com novos olhares o que está vivendo, e tudo isso é motivo para entender o processo de aprender como caminho de liberdade e de capacidades diversas para a vivência cotidiana. (PEREIRA, 2016)

Mesmo que os desafios para o exercício da autoridade docente existam, faz-se necessário que os professores busquem alternativas para melhorar essa relação cotidiana na educação e o papel da instituição é fundamental nesse processo, como também ações e projetos de educação e formação continuada dos professores têm mostrado resultados positivos. Cursos de capacitação e especialização de professores enriquecem seus conhecimentos e, mesmo que de uma forma indireta, lhes dão segurança para a prática saudável da autoridade. Exercer autoridade não vem com fórmulas prontas, principalmente em tempos de muitas mudanças (PINTO, 2016). De alguma forma isso pode ser vantajoso, pois permite ao professor se reinventar e testar várias técnicas criadas ou já reproduzidas por alguém e que deram certo, para alcançar seu objetivo, que é o de proporcionar ensino de qualidade e melhorar sua conduta em sala de aula. Os vários papéis atribuídos ao professor de hoje, têm dificultado seu exercício profissional, o que inclui também o papel de inspirador, pois muitos alunos se espelham em seus professores e almejam seguir o mesmo caminho ou, ao menos, ser um profissional como ele.

Vale destacar que é muito importante e enriquecedor valorizar a experiência do aluno, permitindo que ele se manifeste e exponha temas que têm interesse em debater, o que proporciona um rico campo de aprendizagem. Não faz sentido ensinar ao aluno conceitos que não fazem parte da sua realidade, ou que não tenham sentido em sua vida e isso também é um exercício de autoridade do professor.

O perfil do aluno de hoje, bem diferente do perfil do aluno de alguns anos atrás, e que está sempre mudando, nos leva a afirmar que não se pode esperar que todos tenham os mesmos comportamentos, ou seja, somos diferentes. (PINTO, 2016) O ambiente escolar também muda, se adapta, e muitas vezes o ritmo das mudanças nos deixam perdidos, fazendo-se necessário repensar nossa forma de ser, estar e fazer no exercício profissional, só assim se consegue o exercício da autoridade saudável.

2. Qualidade do Ensino

Quando se pensa em qualidade de ensino, estamos falando de diversos fatores. A qualidade educacional começa na boa organização e gestão dos profissionais da educação e no ambiente físico e humano de aprendizagem. A organização da gestão escolar é fundamental para o trabalho pedagógico de qualidade, o que deve garantir uma estrutura que permita que as atividades propostas possam ser realizadas com qualidade. (MARTINS, 2015)

As novas teorias da aprendizagem nos apresentaram a um cenário onde a participação do aluno precisa ser ativa. Muitas vezes essa proposta de alunos ativos gera dúvidas e nos remetem à ideia de um aluno que não precisa respeitar mais as hierarquias da escola, o que aponta para o fato de que o exercício da autoridade se faz ainda mais desafiador. Como ser respeitado em seu papel de autoridade se muitas vezes os alunos “acreditam” que eles não precisam mais respeitar as hierarquias dentro da escola? (PEREIRA, 2016) É muito importante que todos os profissionais da educação, ocupem seus lugares no fazer educativo para que os objetivos do ensinar possam ser alcançados. (GALLAND, 2010)

Não podemos esperar que a condução das aulas permaneça da mesma maneira, é necessário que elas acompanhem as mudanças contínuas, mesmo que não seja no mesmo ritmo. Com tantas tecnologias e ferramentas disponíveis, o leque de variedades de aplicação metodológica e didática é amplo, porém é preciso que o professor saiba usá-las para proporcionar aprendizagens diversas e de qualidade. Não basta levar uma apresentação de PowerPoint, por exemplo, cheia de textos longos e cansativos para a sala de aula, ela precisa ser bem estruturada, significativa e dinâmica para que faça sentido e seja marcante no momento de aprendizagem. O que faz a diferença é a forma como o professor vai usar das ferramentas, do como ele elabora o seu material e, principalmente, o como vai conduzir a aula, ou seja, o professor precisa se reinventar constantemente em função da aprendizagem.

Importante destacar aqui que a qualidade de ensino vem ganhando destaque em discussões nas políticas educativas, seja por conta dos insucessos, ou dos impactos de aprendizagem e sociais que os índices avaliativos têm mostrado, ou por avaliações ruins dos cursos de formação de professores, o que leva à necessidade de repensar essa formação e a atuação pedagógica dos professores. O Conselho Nacional de Educação (CNE, 2002, *apud* BORRALHO; FIALHO; CID, 2012), diz que a ausência de preparo pedagógico acarreta a forma como as aulas e currículos estão organizados e que isso afeta negativamente o desenvolvimento dos alunos. Soma-se a isso a ideia de que a qualidade dos profissionais professores é a maior responsável pela qualidade do ensino, sendo critério fundamental que o professor detenha conhecimento aprofundado acerca da matéria que ensina, aliada a habilidades desenvolvidas em experiências anteriores, contextualizando os conhecimentos e abrangendo a realidade dos alunos. (BOULLOSA, 2005, *apud* BORRALHO; FIALHO; CID, 2012) Vale destacar mais uma vez, que a capacidade para o exercício profissional e, conseqüentemente, da autoridade docente, está diretamente ligada a qualidade de sua formação.

Considerações finais

Ainda que andragogia seja diferente de pedagogia, os termos são bem parecidos em suas definições, principalmente nos dias de hoje, em que a nova geração de alunos se torna cada vez mais curiosa e questionadora. A forma como os alunos aprendem na atualidade, e de maneira especial, os adultos, não é a mesma

de anos atrás. As várias informações de fácil acesso, apontam para a necessidade de professores capacitados e habilitados para o papel de condutores na construção do saber. Os atuais alunos possuem uma facilidade muito grande de buscar conteúdos, porém grande parte não sabe usá-los a favor da aprendizagem, inclusive em sala de aula. Usar as várias ferramentas de pesquisa a favor da aprendizagem, mostra-se como um rico campo de atuação do professor o que também se torna um rico campo de exercício da sua autoridade no fazer profissional.

Quando o professor ocupa seu lugar de autoridade, ele conduz seus alunos rumo à aprendizagem de forma bem mais eficaz, ou seja, como o mediador do saber, o facilitador do conhecimento, aquele que guia, inspira, acolhe e defende a aprendizagem em suas várias formas de acontecer. As várias barreiras vividas pelos professores na atualidade, e até mesmo o declínio do prestígio profissional, muitas vezes leva os profissionais da educação a não enxergar sentido naquilo que fazem. Sempre é preciso defender que um professor de qualidade tem maiores possibilidades de oferecer ensino de qualidade, e por consequência, alunos com maior qualidade para as exigências que o viver nos impõe.

Como já foi falado, um professor não realiza um trabalho de qualidade sozinho, é preciso o apoio da família e da instituição de educação, que entre outras exigências, deve apoiar e incentivar a formação continuada para a melhoria das práticas educativas.

O professor tem que assumir e saber exercer seu papel enquanto autoridade na promoção de um ambiente em que seja possível realizar um ensino de qualidade. Para que isso seja possível é sempre necessário pesquisar e debater sobre este tema, não só na formação básica do professor, mas durante o seu exercício profissional. Ser autoridade não significa ser dono do saber, e sim, ser capaz de conduzir o seu fazer profissional rumo à promoção de saberes que promovam a troca, o respeito e a participação de todos na construção das aprendizagens de qualidade e significativas.

Referências

BECK, Caio. Malcolm Knowles: o pai da andragogia. **Andragogia Brasil**. Especialistas em educação de adultos. 2015. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/malcolm-knowles/> Acesso em: dez 2020.

BORRALHO, Antônio; FIALHO, Isabel; CID, Marília. Aprendizagem no ensino superior: relações com a prática docente. **Ensino Superior: Inovação e qualidade na docência**. Julho de 2012.

CORTIZO, Telma Lima. FERREIRA, Elisabete Soares. FARIAS, Maria de Lourdes Soares Ornellas. **Saber profissional docente: autoridade ao espelho da autonomia na escola contemporânea**. 2017. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, Brasil. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Porto, Porto, Portugal.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLAND, Fabiana Barrera. **A autoridade do professor e o prestígio da sua profissão**. Porto Alegre, UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. 61f. Trabalho de conclusão de curso (TCC).

MARTINS, Marlúcia dos Santos Viana. **A gestão escolar e a qualidade do ensino no Brasil. Anuário de produções acadêmico-científicas dos discentes da Faculdade Araguaia**. 2015.

NASCIMENTO, Francisco da Conceição. **Docência e autoridade no ensino superior: uma reflexão sobre o filme “Enjaulados”**. 8 de fevereiro de 2012. Disponível em: <https://fcnascimento.blogspot.com/2012/02/doncencia-e-autoridade-no-ensino.html?m=1>
Acesso em: dez 2020.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **O nome atual do mal-estar docente**. Capítulo II. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2016.

PETROSINO, Solange. **O novo professor da EJA. Pressupostos da aprendizagem do aluno. Formação em ação**. Secretaria de educação, Governo do Estado de Paraná. 2016.

PINTO, Débora. **A construção da autoridade. Revista Ensino Superior**, edição 225. 12 de janeiro de 2016. Disponível em: *A construção da autoridade – Revista Ensino Superior*
Acesso em: dez 2020.

- **Jenifer Karolin Alves Barbosa – CV - <http://lattes.cnpq.br/1967047177877090>**

- **Maria Celeste de Moura Andrade – CV - <http://lattes.cnpq.br/5569891803553823>**